

“EU GOSTEI DESSES MOMENTOS COM A MINHA PESQUISADORA”: REFLEXÕES SOBRE EPISTEMOLOGIAS E METODOLOGIAS DECOLONIAIS

Diônvera Coelho da Silva¹

Andressa Barrios²

Aline Accorssi³

A presente reflexão é parte de um trabalho maior, no nível de doutoramento da primeira autora, realizado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Procuramos aqui discutir a produção de conhecimento decolonial a partir da perspectiva teórica e prática de mulheres racializadas.

É muito comum encontrar na obra de mulheres negras e/ou mestiças, textos em que essas intelectuais se dedicam a explicar o *Porquê*, *Para quem* e *Com quem escrevem*, bem como relatam o esforço que realizam para enfrentar as estruturas de poder que inserem seu conhecimento como menos válido e útil dentro da perspectiva da ciência moderna ocidental. Exemplo disso, pode ser visto em Anzaldúa (2000), quando escreve: “Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora [...]” (p. 230). Fica evidente, nesse sentido, que “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Portanto, um conflito se estabelece no momento em que um tipo de saber, e uma única forma de ser é reconhecida como hegemônico, padrão e universal, determinando assim, um ideal de ciência e cientista. Deste modo, “qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica do conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. (KILOMBA, 2019, p. 53).

¹Universidade Federal de Pelotas – diionveracoelho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andressabarrios1@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Gloria Anzaldúa (2000) no texto, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, propõe o que ela chamou de escrita orgânica, que seria uma forma de escrever pouco convencional, onde a “racionalidade” tão endossada na academia perderia o seu espaço de domínio para a emoção, evidenciando a realidade daquelas que escrevem e que não são objeto, mas sim sujeitos que podem narrar as suas próprias histórias da forma como acharem melhor. Anzaldúa (2000, p. 235) sugere que “joguemos fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. [...] Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor.” A autora faz uma importante reflexão sobre o poder que toda mulher de cor que escreve possui, pois ele pode ser utilizado para transformar as estruturas opressivas. A escrita pode possibilitar que mulheres a margem de vários processos de opressão, possam contar a sua própria história, sem que outros façam por elas. Assim essas mulheres desafiam a ciência moderna ocidental que normatiza e qualifica como pensadores legítimos apenas aqueles que pertencem ao grupo de homens brancos cis-heteropatriarcais. Aqueles que, segundo Anzaldúa (2000), não escrevem para mulheres como nós, haja visto a resistência destes, para pensar as categorias analíticas que marcam a nossa identidade. E, deste modo, contribuem para anular a nossa existência enquanto seres humanos - enquanto seres pensantes. Esta negação cumpre com os objetivos da modernidade/colonialidade que moldou significativamente o saber, o ser e o poder, por meio não apenas da catástrofe demográfica que gerou muitos dos problemas econômicos e sociais que vivemos, mas sobretudo pela catástrofe metafísica que reafirmou a diferença subontológica.

Conforme Nelson Maldonado-Torres (2019) a colonização dos territórios foi acompanhada pela colonização da humanidade, processo que afetou a intersubjetividade e alteridade. Desta forma, a catástrofe metafísica provocou transformações significativas tanto no contexto epistemológico, quanto no âmbito ontológico e ético, coincidindo com a formação da modernidade/colonialidade e toda aparato colonial que estrutura a ciência dominante. “A catástrofe metafísica inclui o colapso massivo e radical da estrutura Eu-Outro de subjetividade e sociabilidade e o começo da relação Senhor-Escravo” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 37). Neste sentido, a diferença subontológica aparece para identificar quem é colonizado e quem é colonizador, assim a catástrofe metafísica está associada a civilização moderna e a guerra que

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECO

UNOCHAPECÓ



PPGED
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

foi e ainda é utilizada como forma de controlar os povos colonizados considerados maus, inferiores, e primitivos (MALDONADO-TORRES, 2019). Portanto, é através da colonialidade do ser, do poder e do saber que a modernidade/colonialidade reproduz suas práticas coloniais para que uma única visão de mundo prevaleça intocável. Desta forma, torna-se fundamental uma atitude decolonial. Uma forma de agir radicalmente ocorre pela escrita, neste sentido, “a escrita para muitos intelectuais negros e de cor é um evento fundamental. A escrita é uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica.” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 47).

De acordo com Grada Kiloma (2019), o racismo determina a forma como as pessoas de cor interpretam e veem o mundo, a análise e os questionamentos são diferentes daqueles realizados por pessoas brancas, assim “[...] Os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das/os dominantes. (KILOMBA, 2019, p.54). A pesquisa entre iguais (ESSED, 1991; MAMA, 1995); e a pesquisa centrada em sujeitos (MECHERIL, 1997, 2000), são exemplos de pesquisa que não seguem os modelos tradicionais metodológicos e epistemológicos vigentes.

Na maioria das entrevistas que realizamos até o momento, sentíamos que aquelas mulheres não nos viam apenas como pesquisadoras que estavam a coletar informações de forma neutra e distante. Percebíamos a disposição delas em fazer algo por nós, mesmo que para isso elas tivessem que tocar em suas próprias feridas. Sentíamos que elas queriam muito nos ajudar, afinal a presença de mulheres negras no doutorado carrega um significado muito grande, e como pesquisadoras percebemos isso na forma como fomos tratadas. Temos certeza que elas fizeram muito pelo nosso trabalho. Entre nós existia uma entrega, uma escuta sensível, pesquisadoras sensíveis e moldadas por uma ciência convencional, que nas suas resistências em se mostrarem forte e demasiadamente “racional”, num dado momento, ou melhor em vários momentos, se permitiram chorar, buscar o copo d’água, recomeçar as entrevistas várias e várias vezes, sorrir, receber abraço, incentivo e axé, Ubuntu! Somos pesquisadoras, por para e com elas, somos cientistas reais. “Ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisa centrada em sujeitos” (KILOMBA, 2019, p. 83). Sobre isso, no final de uma das entrevistas, uma das pesquisandas disse - “eu gostei desses momentos com a minha pesquisadora” compreendo que de alguma forma, ela nos elegeu como aquelas que fariam uma pesquisa para e com ela, alguém

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGED
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

que dividia com ela um mesmo lugar - localizado a margem e que ao ser próxima de sua realidade, estávamos apta a falar da nossa realidade, pois nós não éramos estranhas a ela, pelo contrário eu também fazia parte de algo em comum, coisas que nos ligam, independente da época, ou de onde nascemos. A mesma pesquisanda em outro momento da entrevista, relatou que não tinha falado para ninguém, muitas das coisas que nos disse e que ainda não tinha notado o quanto algumas questões subjetivas precisavam de uma maior atenção. A pesquisa entre iguais, também chamada de “Study up” complementa a pesquisa centrada em sujeitos, visto que elas propõem relações horizontais entre pesquisadoras/es e pesquisandas/o (KILOMBA, 2019). Assim, esse tipo de estudo apresenta, “[...] as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática” (KILOMBA, 2019, p. 82-83). Finalizamos este trabalho, ressaltando a importância da produção de conhecimento decolonial afrodiaspórico, sendo está uma atitude decolonial que pretende contrapor a modernidade/colonialidade e todos os eixos que a estruturam.

Palavras-chave: Mulheres negras; Racismo Epistêmico; Epistemicídio.

REFERÊNCIAS:

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. In: MALDONADO-TORRES, Nelson. *Análise da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. 2 edição, cap. 2, p. 27-53, Autêntica, 2019.

ESSED, Philomena. **Understanding everyday racism: An interdisciplinary theory**. Sage, 1991.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MAMA, Amina. **Beyond the masks: Race, gender and subjectivity**. Routledge, 2002.

MICHERIL, Paul. **Halb-halb.iza**, *Zeitschrift für Migration und Sozial Arbeit*, thema 3-4, 1997.

MICHERIL, Paul. “Ist doch egal, was man macht, man ist aber trotzdem ‘n Ausländer” - Formen von Rassismuserfahrungen, in W.D. Butow (Hg.) *Familie im... globaler Migration*, 2000.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGE_d
Programa de Pós-Graduação
em Educação